

Urgência em uma hora é bo a sorte

"Pode-se considerar uma pessoa de sorte toda aquela que é socorrida em cirurgia de urgência no tempo mínimo de uma hora. E deve erguer as mãos para os céus se tiver a felicidade de cair numa casa de saúde particular".

A afirmação é de um médico radicado há anos na Baixada Fluminense. Ele acrescenta que esse é um dos problemas mais desesperadores do atendimento médico-hospitalar em toda a região, com destaque para Nova Iguaçu. Isso se aplica inclusive aos acidentes ocorridos nas rodovias. De um modo geral, os hospitais cariocas são o destino da maioria das vítimas.

CORRE-CORRE

Em fins de dezembro do ano passado, o estrçalhado esquema de socorro de urgência da região mostrou toda a sua debilidade em face do desastre com um ônibus da Viação Esperança, arrastado por uma locomotiva na passagem de nível de Vila São Luis, Nova Iguaçu, quando morreram 20 pessoas e outras 20 ficaram feridas.

Foi um corre-corre. Não havia ambulância e foram carros particulares que transportaram os feridos para um barracão do SAMDU, na beira da Via Dutra, onde o máximo que se fez foi uma triagem, encaminhando-se os casos mais graves para a Casa de Saúde N. Senhora de Fátima, particular, enquanto os mais simples iam para o Hospital Iguaçu, tido como público porque recebe — quando recebe — uma verba da Prefeitura Municipal. A proporção foi de 15 a cinco.

O barracão do SAMDU é o impacto inicial para quem busca atendimento de emergência. Sujo, caindo aos pedaços, abafado, sobrecarregado e, o que é pior, sem qualquer estrutura para atender casos graves. "É mais um ambulatório funcionando 24 horas por dia do que um pronto-socorro", assinala um médico experiente. E explica: "Aqui só se interna alguém quando há risco de vida iminente".

FILOSOFIA DA REGRESSÃO

O posto do SAMDU em Nova Iguaçu retrata bem a precariedade em matéria de pronto-socorro na Baixada, em todos os aspectos. Há cinco anos, ele contava com 10 médicos por equipe e cinco ambulancias; hoje, quando a população local se encontra em torno de 1 milhão e 100 mil pessoas, cada equipe tem sete médicos e uma ambulancia.

E' natural, portanto, que seus médicos estejam em desvantagem para atender os que procuram o posto, pois há determinados dias em que cada um atende a mais de 100 pessoas. Mais natural, ainda, que nas estatísticas do INPS esse posto seja apontado como

dos mais "produtivos", tendo atendido no ano passado cerca de 500 mil pessoas.

Desesperadora igualmente é a situação do Hospital Iguaçu (mantém-se sobretudo com uma verba mensal de Cr\$ 55 mil da Prefeitura, cuja liberação costuma atrasar meses). Teoricamente, este hospital seria o grande pronto-socorro da região, ainda mais que recebe indigentes, o que mais existe na Baixada (incluindo aí desempregados e subempregados, sem vínculo com o INPS). Hoje, por falta de recursos, o hospital viu-se obrigado a funcionar como empresa comercial (originalmente seria de caridade, pertencente a uma instituição religiosa) e cobra tudo dos pacientes, incluindo o setor de maternidade (Cr\$ 100).

Em termos de filosofia administrativa, assinala um médico antigo, prevalece o critério de quantidade meramente estatística, à base de empregados e chefes fazendo média com os superiores. "Em saúde isso se chama crime", comenta o médico.

MORTES ANÔNIMAS

Os que conhecem as extensões territoriais de Nova Iguaçu e Caxias, as dificuldades de transporte e o baixo poder aquisitivo de suas populações estão mais à vontade para imaginar o drama de uma pessoa que de repente necessita de socorro urgente em, por exemplo, Lote 15 (divisa entre os dois municípios). Se o caso for de desastre ou de atropelamento na Via Dutra, pelo menos — se isso fosse consolo — existe a quase certeza de que um motorista particular fará o transporte para o pronto-socorro mais próximo, atitude que os patrulheiros rodoviários, mais práticos, não tomariam, rumando direto para os hospitais cariocas, a partir do Getúlio Vargas.

No mais, são mortes que não repercutem, da mesma forma que os imensos problemas da Baixada não têm tido eco até aqui, a não ser no quadro de violência. Até porque, a nulidade é completa em matéria de estatísticas gerais, incluindo a parte de obituário (dificuldade com que se deparou uma equipe do Centro Brasileiro de Estudos Demográficos do IBGE, ao fazer uma pesquisa sobre mortalidade na região).

Já Nilópolis e Meriti dispõem de *ambulancias ensinadas*, ou seja, conhecem direitinho o caminho dos hospitais do Rio e a rigor só fazem recolher o paciente necessitado de atendimento e transportá-los, embora o quadro seja um pouco menos dramático no primeiro. Seu hospital municipal pelo menos atende 60% dos necessitados de emergência no município (o terceiro menor do Brasil).

VELA NA MÃO

Em Meriti, as únicas ambulancias existentes (duas) pertencem à Prefeitura, que mantém também um posto médico de urgência (com apenas dois leitos). A alternativa nos casos graves e complexos é o Hospital Getúlio Vargas.

Os médicos mais conscientes desses municípios, embora afeitos à rotina impiedosa, narram casos impressionantes, alguns decorrentes até da falta de luz frequente (qualquer chuva ou vento *enlouquece* a rede elétrica da Baixada), como cirurgias e partos feitos à luz de velas (às vezes com o paciente segurando a vela enquanto recebe pontos).

O grande paradoxo está em que as instituições particulares geralmente são melhor equipadas que postos e hospitais públicos, mas vêm-se forçadas a manter leitos ociosos e realizar atendimento *quantitativo* (altas aceleradas) porque o convênio com o INPS não permite a menor flexibilidade. Prontoni de Nova Iguaçu, grande pronto-socorro infantil particular da Baixada, dispõe de moderna unidade de cirurgia sem uso, primeiro porque o INPS não mantém convênio, e segundo porque doentes particulares não têm recursos para serem atendidos.

O grosso da população tem que procurar postos públicos e consultórios médicos a preços módicos. O médico José Gelbert, que faz um trabalho quase gratuito em Parque Flora, se diz impressionado com o número de gestantes que utilizam ônibus — demorados e trepidantes — no dia do trabalho de parto. E nem sempre a maior concentração populacional do município reside no primeiro distrito (Belford Roxo e Queimados, em Nova Iguaçu, Coelho da Rocha e Vilar dos Teles, em Meriti, Olinda, em Nilópolis, e Gramacho, em Caxias, são distritos bastante populosos), e, na maioria, a população da Baixada se rarefaz pelo território.

Muitos dos pacientes de Caxias constam principalmente dos fichários do Hospital Getúlio Vargas, embora seja esse o município onde o socorro de urgência se mostra menos aterrador, graças ao seu Hospital Municipal — que, em compensação, cobra até *injeção*.